

#212

Prémios Gulbenkian 2019
Início da Temporada de Música
Um Jardim maior



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

agosto
setembro

Neste número



AMIN MAALOUF © MÁRCIA LESSA

4

Prémios Gulbenkian 2019

O escritor e pensador Amin Maalouf foi distinguido com o Prémio Calouste Gulbenkian na área dos Direitos Humanos. Um construtor de pontes entre Oriente e Ocidente, a lembrar Calouste no seu tempo, como referiu o presidente do júri, Jorge Sampaio, na cerimónia de entrega dos prémios. Nas categorias nacionais, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, o programa "90 Segundos de Ciência" e o Teatro Metaphora foram os premiados nas áreas de Coesão, Conhecimento e Sustentabilidade, respetivamente.



MAESTRO HERBERT BLOMSTEDT E A ORQUESTRA JUVENIL GUSTAV MAHLER
© MÁRCIA LESSA



IMAGEM DO PROJETO DO NOVO JARDIM GULBENKIAN © DR

8

Um jardim maior

O arquiteto japonês Kengo Kuma e o paisagista Vladimir Djurovic foram os vencedores do concurso de ideias para ampliação da área do edifício da Coleção Moderna e o alargamento do Jardim Gulbenkian. Uma ideia que trará uma nova entrada ao Jardim e a construção de duas palas junto à fachada sul do edifício, numa intervenção muito contida e contemporânea.

16

Início da temporada

Em setembro, recomeça a temporada de música no Grande Auditório com muitos motivos para vir até à Fundação. Maria João Pires, Isabelle Faust e a Orquestra Juvenil Gustav Mahler com Christian Gerhaher, são os nomes em destaque a partir de 7 de setembro.

Índice

Notícias	4 Prémios Gulbenkian 2019
	7 Dia Calouste Gulbenkian
	8 Um jardim maior
	10 Distinções para a Fundação
	11 A Educação do Delfim
	12 Bolsas Gulbenkian Mais
	13 Falar de públicos na cultura

Música	14 Em agosto, jazz é grito de mudança
	16 O início da temporada

Exposições	19 O Gosto pela Arte Islâmica
	22 Sarah Affonso e a Arte Popular do Minho
	24 Convidados de Verão

Ambientes	26 Jardim de Verão
------------------	---------------------------

19

Novas exposições – as escolhas das curadoras

Jessica Hallett, curadora de *O Gosto pela Arte Islâmica*, escolhe quatro obras-chave entre as cerca de 150 que podem ser vistas na exposição patente na Galeria principal da Fundação. Da exposição sobre *Sarah Affonso e a Arte Popular do Minho*, a curadora Ana Vasconcelos destaca obras e objetos que representam a influência minhota no percurso da artista. Ambas as exposições podem ser visitadas até outubro.

24

Convidados de Verão

Cristina Filipe trouxe a joalharia contemporânea portuguesa para dentro das coleções do Museu Gulbenkian. Joias de artistas como Jorge Vieira, José Aurélio, Maria José Oliveira, entre muitos outros, podem ser vistas na nave central da Coleção Moderna, mas também em diálogo com a coleção Lalique presente na Coleção do Fundador.

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#212 – AGOSTO SETEMBRO 2019 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA – THE DESIGNERS REPUBLIC – IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO – DDLX / REVISÃO DE TEXTO – RITA VEIGA / CAPA – PRÉMIO GULBENKIAN 2019 © D.R. / IMPRESSÃO – GRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM – 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN.PT

Amin Maalouf é Prémio Calouste Gulbenkian 2019

A APAV, o programa “90 Segundos de Ciência” e o Teatro Metaphora foram distinguidos, respetivamente, nas áreas de Coesão, Conhecimento e Sustentabilidade



MARCELO REBELO DE SOUSA ENTREGA O PRÉMIO CALOUSTE GULBENKIAN A AMIN MAALOUF © MÁRCIA LESSA

Escritor, jornalista, ensaísta, pedagogo, humanista, reconhecido como um dos nomes mais influentes e respeitados do mundo árabe, **Amin Maalouf** tem sido um incansável construtor de pontes, procurando mostrar o caminho das reformas necessárias para construir um mundo em paz, de acordo com um modo de vida mais justo e sustentável. Homem que, tal como Calouste Sarkis Gulbenkian no seu tempo, pertence simultaneamente a dois mundos – o europeu e o árabe –, Maalouf tem refletido sobre a crise do *vivre ensemble*, analisando as derivações e feridas que se podem abrir nas civilizações modernas e apresentando pistas para que os povos possam cooperar na construção de um mundo melhor. Foi com esta justificação que o júri presidido por Jorge Sampaio decidiu atribuir o Prémio Calouste Gulbenkian 2019 a Amin Maalouf.

Distinguir Maalouf no ano em que se celebra o 150.º aniversário do nascimento de Calouste Gulbenkian é, para Jorge Sampaio, não só “prestar tributo às suas origens, mas também uma ocasião privilegiada para focar a atenção na situação do Médio Oriente, pela qual [Calouste] Gulbenkian nutria o mais vivo interesse”.

Mas a escolha do autor de *Naufração das Civilizações* extravasou largamente a questão do Médio Oriente. “O que mais admiro em Amin Maalouf”, prosseguiu o ex-Presidente da República durante o seu discurso na cerimónia de entrega do Prémio, “é a sua liberdade de pensamento, a sua lucidez, a sua capacidade de pensar nos problemas e nos impasses do nosso tempo sem tabus nem preconceitos. Admiro igualmente a sua firme defesa dos Direitos Humanos e o papel que atribui à universalidade dos mesmos para reforçar a nossa capacidade de vivermos todos em conjunto”. E, citando Maalouf, Sampaio deixou o alerta: “Não é o desespero que se deve pregar, mas a urgência. A urgência de agir enquanto é tempo.”

Ao receber o Prémio, Amin Maalouf preferiu centrar-se na defesa do princípio da universalidade: “A humanidade é uma e os direitos fundamentais do ser humano não dependem da cor, da nacionalidade, do género nem do meio social e intelectual no qual cada um veio ao mundo.” Há, referiu, “uma exigência de dignidade humana que transcende todas as diferenças”, alertando para o risco de se “perder a bússola moral e derivarmos para a barbárie” no momento em que se admite, mesmo que “implícita ou inconscientemente, que existem várias humanidades distintas”. Para combater esta deriva, Maalouf apontou para a necessidade de “dirigentes políticos, professores, escritores, artistas e jornalistas construírem nos espíritos dos seus contemporâneos uma cultura de paz e de coexistência.”

E os Prémios Gulbenkian foram para...

AAPAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima que, desde 1990, tem apoiado um número cada vez maior de vítimas de crime. Prestando apoio às vítimas, familiares e amigos, numa intervenção de emergência mas também na recuperação e regresso às suas rotinas diárias, a APAV tem-se destacado na área da Coesão e Integração Social;



JOÃO LÁZARO, PRESIDENTE DA APAV, RECEBE O PRÉMIO GULBENKIAN COESÃO SOCIAL
© MÁRCIA LESSA



JOANA LOBO ANTUNES RECEBE O PRÉMIO GULBENKIAN CONHECIMENTO
© MÁRCIA LESSA

O **Teatro Metaphora** – Associação de Amigos das Artes que, trabalhando criatividade e sensibilização ambiental numa comunidade caracterizada por um longo estigma social, se conseguiu distinguir na área da Sustentabilidade.

O programa radiofónico diário **90 segundos de ciência**, da RDP, que, ao tentar tornar simples a complexidade científica, se tem distinguido na área do Conhecimento;



JOSÉ RODRIGUES RECEBE O PRÉMIO GULBENKIAN SUSTENTABILIDADE
© MÁRCIA LESSA

Novo Prémio Gulbenkian para a Humanidade

Durante a cerimónia de entrega dos prémios 2019, a presidente da Fundação, Isabel Mota, anunciou a criação de um novo galardão. No valor de um milhão de euros, o Prémio Gulbenkian para a Humanidade será entregue, anualmente, a partir de 2020, com o objetivo de incentivar o surgimento de novas ideias, que contribuam para a melhoria do futuro da Humanidade.

Na sua primeira edição, o Prémio será dedicado às Alterações Climáticas, considerado o maior desafio que a humanidade enfrenta e aquele onde a ação é mais urgente.

A criação do Prémio Gulbenkian para a Humanidade surge na senda de uma decisão histórica da Fundação, que rompe com o passado e aposta no futuro: a do desinvestimento no petróleo e no gás e o reforço do apoio a soluções que mitiguem os efeitos das alterações climáticas. O novo Prémio vem reforçar o alinhamento da Fundação Calouste Gulbenkian com a nova agenda mundial e um forte sentido de futuro.

Dia Calouste Gulbenkian

No ano em que se comemora o 150.º aniversário do nascimento de Calouste Sarkis Gulbenkian, o Dia de homenagem ao Fundador foi particularmente especial.

Na cerimónia anual dedicada a Calouste Gulbenkian, que este ano foi presidida pelo Chefe de Estado, Marcelo Rebelo de Sousa, a presidente da Fundação, Isabel Mota, começou por dizer que “um aniversário proporciona um contexto favorável à reflexão, mas também um poderoso incentivo à decisão.”

E este ano “tão especial” foi marcado, de acordo com a presidente da Fundação, por quatro grandes momentos.

Em primeiro lugar, a **venda dos interesses da Fundação Gulbenkian na Partex**.

A decisão surgiu “na sequência da ponderada e unânime decisão de desinvestir na área do petróleo e do gás, acompanhando, aliás, o movimento internacional seguido por outras fundações”, explicou Isabel Mota. Este passo é, ao mesmo tempo, uma “mudança de ciclo e uma aposta no futuro”. Isabel Mota confessou gostar de pensar que Calouste Gulbenkian, “com a sua visão e clarividência, seria o primeiro a antecipar e a concretizar esta mudança que a Fundação agora inicia.”

Uma vez que o ADN da Fundação se caracteriza, mais do que pelas suas formas de financiamento, pela forma como intervém na sociedade e prepara os cidadãos do futuro, foi com os olhos postos no futuro que a presidente da Fundação anunciou o **Prémio Gulbenkian para a Humanidade** (ver pág. 6).

O terceiro momento referido foi o do reposicionamento da Fundação face às **novas tendências da filantropia**, que se encontra em plena transformação. “Um dos grandes desafios da filantropia hoje é o de encontrar a melhor forma de aproveitar o potencial das novas tecnologias, nomeadamente *big data*, inteligência artificial ou análise preditiva”, referiu Isabel Mota, dando conta de como “a Fundação tem dado uma atenção crescente a esta nova agenda de tecnologias e impacto social e ambiental, utilizando-as como um instrumento para a resolução de desafios”. Numa lógica de diversificar as suas formas de intervenção, nomeadamente através da utilização de modelos de contratualização por resultados (caso dos títulos de impacto social, que aliam retorno financeiro e impacto social, prevendo o reembolso do investimento quando os resultados contratualizados são alcançados) a Fundação decidiu apostar, com um grupo alargado de investidores nacionais e internacionais, no fundo MAZE, que irá investir em *startups* de impacto, cujo *core business* está correlacionado com o impacto social ou ambiental criado.

O quarto e último momento que Isabel Mota quis destacar, nesta cerimónia em que se assinala a memória e a generosidade de Calouste Gulbenkian, foi o anúncio do vencedor do concurso internacional para o **alargamento a sul do Jardim Gulbenkian** e a sua abertura à cidade (ver págs. 8-9).

Um jardim maior

O arquiteto Kengo Kuma e o paisagista Vladimir Djurovic são os vencedores do concurso para o alargamento do Jardim Gulbenkian.



A PALA DESENHADA POR KENGO KUMA, A FAZER A TRANSIÇÃO ENTRE O LADO SUL DO JARDIM E O EDIFÍCIO DA COLEÇÃO MODERNA © DR

O objetivo era alargar o Jardim Gulbenkian, para sul. Tornava-se necessário definir uma nova entrada do parque; conceber uma nova área de jardim que promovesse a integração com o que fora desenhado por Viana Barreto e Ribeiro Telles, nos anos 60; estabelecer o melhor acesso deste novo espaço ao edifício da Coleção Moderna e, através dele, aos restantes espaços da Fundação e ainda prever a ampliação da área da Coleção Moderna e o seu atravessamento. Com estes quatro objetivos em mente, a Fundação Calouste Gulbenkian desafiou 12 ateliês de arquitetura (nacionais e estrangeiros) para um concurso de ideias. Das 12 propostas recebidas, o júri – composto pelo arquiteto espanhol

Emilio Tuñón, o arquiteto português Gonçalo Byrne, o arquiteto paisagista Luís Ribeiro e dois administradores da Fundação Calouste Gulbenkian – votou, por unanimidade, na solução apresentada pelo arquiteto Kengo Kuma, associado ao arquiteto paisagista Vladimir Djurovic.

Num total respeito pelo jardim e o edificado existente, a proposta da equipa liderada pelo premiado arquiteto japonês destacou-se por acrescentar valor, propondo uma intervenção marcadamente contemporânea.

Na visão de Kuma e de Djurovic, a nova parcela de jardim (que ronda os oito mil metros quadrados) deve retomar a linguagem do Jardim Gulbenkian na sua forma atual, já madura, conservando as espécies existentes e sendo densificada com novas plantações, com espécies autóctones; devem ser criadas entradas para o jardim, a sul e poente, e novos percursos de ligação aos edifícios sede e do Museu, entre a vegetação e os planos de água. Num respeito total pelos valores arquitetónicos da Fundação, Kuma propõe ainda a construção de duas palas junto à fachada sul do edifício da Coleção Moderna, numa intervenção muito contida e contemporânea. Além de criar um novo espaço de estadia e contemplação, esta peça arquitetónica serve de elemento de transição entre a nova parcela de jardim e o edifício, reforçando o conceito original de relação permanente entre os dois. A solução proposta por Kuma permite ainda a criação de espaço expositivo adicional, na Coleção Moderna.

Com este concurso de ideias, a Fundação Gulbenkian quis reunificar o antigo Parque de Santa Gertrudes, para o abrir à cidade.

A história deste pedaço de jardim

Em 2005, a Fundação Calouste Gulbenkian adquiriu a Maria Tereza Eugénio de Almeida o remanescente do Parque de Santa Gertrudes (exceção feita à Casa da Fundação Eugénio de Almeida e respetivo logradouro), sob reserva de usufruto vitalício. Após a morte da Condessa, em 2017, a Fundação Gulbenkian tomou posse desta parte do jardim, juntando-a ao Jardim Gulbenkian desenhado por Viana Barreto e Ribeiro Telles. O concurso internacional do qual Kengo Kuma saiu vencedor insere-se neste processo, que agora deverá seguir o seu curso, em termos técnicos, de fixação definitiva da linha divisória entre os prédios das fundações Eugénio de Almeida e Calouste Gulbenkian e de aprovação camarária.



IDEIA PARA AS NOVAS ESTUFAS © DR

Kengo Kuma (Yokohama, Japão, 1954) é um premiado arquiteto japonês, com obra construída em todo o mundo, responsável por projetos como o Nezu Museum em Tóquio (Japão), o Kyushu Geibunkan em Fukuoka (Japão), o Folk Art Museum e a Academy em Hangzhou (China), a Villa Roof/Birds em Negano (Japão), o Portland Japanese Garden Cultural Village em Portland (EUA), o Xiangcheng Lake Tourist Transportation Center em Suzhou (China), o V&A Dundee (Reino Unido), Besançon Art Center e Cité de la Musique (França) e o TAO Temple em Hsinchu (Taiwan), entre muitos outros.

Vladimir Djurovic é libanês, tem mestrado em Arquitetura Paisagista pela School of Environmental Design da University of Georgia, EUA. É frequentemente convidado para conferências e aulas na School of Design/Harvard University. É autor da proposta de exteriores para o MAAT e sede da EDP, em Lisboa. Foi galardoado pelo prémio Aga Khan com o projecto Aga Khan Park.

Distinções para a Fundação

A Fundação Gulbenkian foi condecorada pelo Presidente de Cabo Verde e galardoada com a Medalha Machado de Assis pela Academia Brasileira de Letras.

A Fundação Calouste Gulbenkian foi condecorada pelo Presidente da República de Cabo Verde com a 1.^a classe da medalha de mérito pelos “relevantes serviços prestados ao país na área da educação, cultura e saúde”. Jorge Carlos Fonseca entregou a condecoração a Guilherme d’Oliveira Martins, administrador da Fundação, durante a cerimónia de celebração do Dia da Independência Nacional, realizada a 5 de julho na cidade de Praia.

O apoio da Fundação a Cabo Verde remonta a 1964, data de atribuição da primeira bolsa a um aluno cabo-verdiano. Desde então, já concedeu mais de 1800 bolsas de licenciatura, mestrado e doutoramento.

Em décadas de colaboração, os apoios têm passado pela educação, pela saúde e pela cultura. Destacam-se o apoio à Universidade de Cabo Verde para a capacitação e realização de mestrados e doutoramentos, em parceria com instituições portuguesas de ensino superior; o apoio regular à formação de recursos humanos na área da saúde, que atualmente se consubstancia no projeto para a capacitação do sistema de saúde e melhoria dos cuidados aos doentes oncológicos. Nas artes, a Fundação apoiou, entre outros, a criação da Academia de Música de S. Vicente e o Festival de teatro Mindelact, ao longo das suas primeiras dez edições. Mais recentemente, apoia o Catchupa Factory, residência artística internacional de fotografia no Mindelo.

Medalha Machado de Assis

A 18 de julho, por ocasião do 122.^o aniversário da Academia Brasileira de Letras (ABL), a Fundação foi galardoada com a Medalha Machado de Assis, uma das mais altas comendas concedidas pela Academia. A medalha foi entregue pelo académico Zuenir Ventura ao embaixador Jaime Leitão, cônsul-geral de Portugal no Rio de Janeiro, que representou a Fundação no Salão Nobre do Petit Trianon.

A Educação do Delfim

Foi lançado, no Dia Calouste Gulbenkian, um livro de cartas do avô Calouste ao seu neto, escritas no início dos anos 40.



MIKAËL ESSAYAN © DR

Meu querido Mikaël,

A sua carta de 8 de junho chegou às minhas mãos e li-a com grande prazer. Ficará decerto feliz ao encontrar a carta de sua Mãe, aqui inclusa. Ela pôde escrever-lhe e confiar a carta a amigos vindos de Paris. Como sabe, é atualmente muito difícil, senão mesmo impossível, manter correspondência com Paris, mas toda a família se encontra bem, e o seu Pai, que deve visitar-me na próxima semana, sem dúvida também lhe escreverá.

Apraz-me estar agora mais perto de si, terei mais ocasiões de lhe escrever e de lhe transmitir conselhos que resultam da minha experiência de vida, pois é chegado o momento de o Mikaël aprender a orientar-se.

Datada de 21 de junho de 1942, esta é a primeira de um conjunto de cartas escritas por Calouste ao seu único neto, Mikaël, que na altura estudava em Inglaterra. O excerto transcrito dá conta das intenções do patriarca da família: o neto crescia e era altura de lhe transmitir os valores e conselhos necessários para que se tornasse seu delfim. Estavam em plena II Guerra Mundial e a família encontrava-se dividida: os pais de Mikaël viviam numa Paris ocupada, Calouste já tinha chegado a Lisboa e o jovem Mikaël tinha sido mandado para um colégio interno em Inglaterra. Foi, pois, através destas cartas que Calouste Gulbenkian começou a educar o seu neto, transmitindo-lhe os valores que considerava mais marcantes: “fazer sempre e em todas as ocasiões o seu *very best*”, adquirir “o hábito do recolhimento e da reflexão”, “não menosprezar os exercícios físicos” e ter uma “sólida base moral”; “o respeito pelos pais, superiores e semelhantes, e bem assim dos seus inferiores”, “educar o gosto”, tornar-se “um grande amigo da natureza” e um cavalheiro, entre muitos outros conselhos, tão atuais no início dos anos 40 como hoje. As cartas foram recentemente compiladas no livro *A Educação do Delfim. Cartas de Calouste Gulbenkian a seu neto*, uma obra a ler, para se conhecer os valores, as ideias e as convicções mais profundas de Calouste Gulbenkian. O livro foi editado pela Tinta da China.

Bolsas Gulbenkian Mais

Candidaturas a partir de 1 de outubro

Pelo terceiro ano consecutivo, a Fundação vai atribuir bolsas a jovens com as melhores notas e menos recursos financeiros, promovendo competências sociais e emocionais.



STILL DO FILME PROMOCIONAL BOLSAS GULBENKIAN MAIS © DR

Estas bolsas dirigem-se a estudantes de todo o país, com uma média de entrada superior a 18 valores, que estão a candidatar-se pela primeira vez à universidade. Só os melhores alunos com maiores necessidades financeiras se poderão candidatar. Os estudantes selecionados terão acesso a uma formação certificada em inteligência emocional e liderança, a mentores e a sessões de *networking* com outros bolseiros Gulbenkian.

Cento e cinquenta estudantes já beneficiaram destas Bolsas Mais, que permitem acelerar o seu desenvolvimento pessoal e profissional através de um programa certificado de inteligência emocional e liderança desenvolvido e testado na Google. Foi na gigante tecnológica que nasceu o programa *Search inside Yourself* [Procura dentro de Ti] quando, em 2007, um dos engenheiros e pioneiros da empresa juntou especialistas em *mindfulness*, neurociências e inteligência emocional para desenvolverem um programa de formação interna. Tornou-se rapidamente a formação mais popular dentro da empresa. Em poucos anos, outras empresas quiseram explorar o mesmo caminho e assim nasceu o Search Inside Yourself Leadership Institute (SIYLI), que hoje dá formação certificada a organizações (com e sem fins lucrativos) em todo o mundo.

Promovendo a igualdade de oportunidades, a Bolsa Gulbenkian Mais poderá ser renovada anualmente, até ser atingido o grau de mestrado, desde que o bolseiro obtenha um bom desempenho académico durante o período de estudos na universidade. Candidaturas em: gulbenkian.pt

Falar de públicos na cultura

De 23 a 27 de setembro, a Lisbon Summer School ADESTE+ abre-se à discussão sobre públicos e audiências na cultura. O Open Day, a 25 e 26, promete partilhar boas práticas e oradores de prestígio na área.



JARDIM GULBENKIAN © RICARDO OLIVEIRA ALVES

Uma parte é dirigida a profissionais, instituições e organizações culturais, a outra será aberta ao público. Trata-se, neste caso, do Open Day, a 25 e 26 de setembro, que integra a conferência internacional ADESTE+, onde se discutirão os mais recentes desafios e perspetivas sobre a participação cultural nos nossos dias. O desafio do primeiro dia é precisamente perceber como o paradigma da participação está a mudar a cultura. Além da apresentação de quatro projetos (*case studies*), o público terá oportunidade de ouvir Mercedes Giovinazzo, mestre em Gestão das Artes que já passou por instituições como o Conselho da Europa ou o Fórum Universal das Culturas, falar sobre a importância da participação dos públicos nas atividades culturais.

No segundo dia, o tema alarga-se ao desenvolvimento das audiências e à sua influência na democracia. Wayne Modest, curador e responsável pelo Research Center of Material Culture, trará um tema quente para a mesa, numa intervenção a que chamou "As palavras contam: descolonizar os museus".

Para os inscritos na restante parte do programa haverá ainda *workshops*, oficinas, debates e encontros com oradores convidados e especialistas de toda a Europa. A Summer School será uma oportunidade única para adquirir conhecimentos e informação e trocar experiências, num ambiente profissional inspirador.

A Lisbon Summer School ADESTE+ é a primeira de um ciclo de três que decorrerá até 2021, no âmbito do projeto ADESTE+, de que a Fundação Gulbenkian faz parte.

Em agosto, jazz é grito de mudança

Até dia 11, Marc Ribot, Heroes Are Gang Leaders, Nicole Mitchell, Ambrose Akinmusire e Mary Halvorson sobem ao palco do Jazz em Agosto com um tema comum: uma mensagem de resistência.

A 36.^a edição do Jazz em Agosto apresenta 16 concertos “sob o signo da resistência e do grito coletivo clamando por um mundo mais justo”, nas palavras de Rui Neves, diretor artístico do festival. **Mary Halvorson** fará o concerto de encerramento, no dia 11 de agosto. A guitarrista, também conhecida de outras edições do Jazz em Agosto, apresentará o seu álbum *Code Girl*, acompanhada por um coletivo que inclui Michael Formanek, Tomas Fujiwara, Maria Grand, Adam O’Farrill e a voz de Amirtha Kidambi, cantora formada na tradição musical indiana.

Um programa de “música de combate”

A abrir o festival, o guitarrista Marc Ribot apresentou o seu mais recente projeto “*Songs of Resistance*”. Editado em 2018, em plena era Trump, o álbum reinventa um cancionero ligado ao protesto, ao ativismo e à resistência.

Outros grandes nomes do jazz contemporâneo passam ainda no palco do Anfiteatro ao Ar Livre como **Heroes Are Gang Leaders** (2 de agosto), um coletivo de dez cantores que usa o jazz, o hip-hop e a *spoken word* como armas de mudança, com a liderança do saxofonista James Brandon Lewis e o poeta Thomas Sayers Ellis; **Burning Ghosts** (3 de agosto), que trazem uma fusão entre jazz e metal com o projeto *Reclamation*; **Nicole Mitchell** (4 de agosto), a flautista norte-americana que imagina “um mundo verdadeiramente igualitário em que uma tecnologia avançada estivesse sintonizada com a natureza”; **Théo Ceccaldi** (8 de agosto), com *Freaks*; **Thomas Fujiwara** (9 de agosto), com um grupo de três duplas que inclui duas baterias, duas guitarras elétricas e dois sopros; e o trompetista **Ambrose Akinmusire** (10 de agosto), acompanhado pelo quarteto de cordas Mivos Quartet.



MARY HALVORSON - CODE GIRL © REUBEN RADDING



JAZZ EM AGOSTO © MÁRCIA LESSA

Às noites no Anfiteatro ao Ar Livre juntam-se ainda os concertos da tarde no Auditório 2, que destacam a vanguarda musical, também ela revolucionária, de músicos como a norueguesa **Maja Ratkje**, o quarteto formado pelos portugueses **Ricardo Toscano**, **Rodrigo Pinheiro**, **Miguel Mira** e **Gabriel Ferrandini**, o trio **ABACAXI**, encabeçado pelo guitarrista francês Julien Desprez, e os duos **Ingrid Laubrock & Tom Rainey**, **Joey Baron & Robyn Schulkowsky** e **Zeena Parkins & Brian Chase**. A destacar ainda o projeto musical de Rui Horta Santos, que dá pelo nome de **Abdul Moimême**, para ouvir no dia 4 de agosto, com entrada gratuita.

Programa completo em gulbenkian.pt/jazzemagosto

O início da temporada

Maria João Pires, Isabelle Faust e a Orquestra Juvenil Gustav Mahler com Christian Gerhaher, são os nomes em destaque na abertura da temporada Gulbenkian Música 19/20.



CHRISTIAN GERHAHER COM A ORQUESTRA JUVENIL GUSTAV MAHLER © MÁRCIA LESSA

7 setembro — 20h

8 setembro — 18h

ORQUESTRA JUVENIL GUSTAV MAHLER

Grande Auditório

Pela segunda vez este ano, a Orquestra Juvenil Gustav Mahler apresenta-se no Grande Auditório, agora sob a direção do maestro sueco Herbert Blomstedt e para tocar a 3.^a Sinfonia de Beethoven, a 6.^a Sinfonia de Bruckner e o poema sinfónico *Morte e Transfiguração*, de Richard Strauss. O notável barítono alemão Christian Gerhaher junta-se à festa para dar a ouvir as *Canções de Rückert*, de Gustav Mahler, e as *Canções Bíblicas*, de Antonín Dvořák.

14 setembro — 21h30

AMOR NO VALE

ORQUESTRA GULBENKIAN

Parque do Vale do Silêncio

A Orquestra Gulbenkian volta a participar no festival Lisboa na Rua, apresentando-se no magnífico palco natural do Vale do Silêncio, em Lisboa. Neste concerto, o maestro Nuno Coelho dirige um programa com árias de ópera, em que sobressaem alguns dos mais célebres duetos de amor. Sobem ao palco a soprano Dora Rodrigues, a meio-soprano Cátia Moreso, o tenor Marco Alves dos Santos e o barítono André Henriques. A entrada é livre.



VALE DO SILÊNCIO © CML



GURDJIEFF & HEWAR © GEMMA VAN DER HEYDEN - JAZZNU

21 setembro

Ciclo Oriente-Occidente

GURDJIEFF ENSEMBLE & TRIO HEWAR

19h00, Grande Auditório

LUSINE GRIGORYAN

21h30, Grande Auditório, Entrada gratuita

Os 150 anos do nascimento de Calouste Gulbenkian serão evocados num ciclo de oito concertos inspirados no diálogo entre o Oriente e o Ocidente. A abrir o ciclo, o **Gurdjieff Ensemble** e o **trio Hewar** juntam-se para tocar obras maiores de compositores sírios e arménios. No mesmo dia, a pianista **Lusine Grigoryan** interpreta, a solo, peças baseadas em canções e danças do folclore da Arménia.

23 setembro — 20h

Ciclo Oriente-Occidente

MARIA JOÃO PIRES E TALAR DEKRMANJIAN

Grande Auditório

É o primeiro de três recitais protagonizados por Maria João Pires esta temporada. Na primeira parte, acompanhará a soprano Talar Dekrmanjian num programa de canções arménias e, na segunda, tocará a solo o Impromptus D.935, de Franz Schubert. A pianista completará a sua residência apresentando-se em mais dois recitais (13/11 e 21/03).



MARIA JOÃO PIRES © FELIX BROEDE



BERTRAND CHAMAYOU © MARCO BORGGREVE

26 setembro — 21h

Ciclo Oriente-Occidente

**BERTRAND CHAMAYOU
ORQUESTRA GULBENKIAN**

Grande Auditório

Ao longo desta temporada serão estreadas três obras do jovem compositor francês, de origem libanesa, Benjamin Attahir, que estabelecem sugestivas pontes entre o Oriente e o Ocidente. Uma das obras, *Al Fajr*, composta para piano e orquestra e estreada por Daniel Barenboim na Pierre Boulez Saal em Berlim, será tocada neste concerto por Bertrand Chamayou, com direção de Nuno Coelho.



CORO GULBENKIAN NO PANTEÃO NACIONAL © DR

27 setembro — 20h
DÍALOGOS IMPROVÁVEIS
CORO GULBENKIAN

Panteão Nacional

O Coro Gulbenkian, dirigido por Jorge Matta, apresenta-se no espaço único do Panteão Nacional com um programa de obras que atravessam vários séculos. Temas como a noite e a morte serão evocados por compositores como Jean Philippe Rameau, Carlo Gesualdo, Franz Schubert, Rossini ou Iannis Xenakis, entre outros.

28 setembro — 19h
ISABELLE FAUST

Grande Auditório

O último concerto deste mês assinala o regresso da violinista Isabelle Faust ao Grande Auditório, no âmbito do Ciclo Grandes Intérpretes. Oportunidade para ouvir uma seleção de sonatas e partitas de Johann Sebastian Bach por uma das mais notáveis violinistas da atualidade.



ISABELLE FAUST © DR

Programação completa e venda
de bilhetes em gulbenkian.pt/musica

O Gosto pela Arte Islâmica 1869–1939

A curadora Jessica Hallett elege quatro obras-chave entre as cerca de 150 que podem ser vistas na exposição de tesouros islâmicos, que ocupa a galeria principal da Sede.

Panejamento inteiro para um mahmal de Damasco

O quinto pilar do Islão é o *Hajj* ou a peregrinação a Meca, um dever religioso que os muçulmanos devem cumprir pelo menos uma vez na vida. Durante o *Hajj*, a autoridade do sultão sobre as cidades sagradas de Meca e Medina era simbolizada pelo *mahmal*, ou palanquim cerimonial, transportado por um camelo que partia do Cairo e de Damasco até à Arábia. O cortejo do *mahmal* era um evento importante que atraía entusiásticas multidões; a prática manter-se-ia até inícios do século XX. Encomendado por volta de 1656, este é um dos mais antigos exemplares ainda existentes.



PANEJAMENTO INTEIRO PARA UM MAHMAL DE DAMASCO, TURQUIA, ISTAMBUL, PERÍODO OTOMANO, AH 1076 (1656–1657). SEDA VERDE, FIOS DE PRATA E PRATA DOURADA SOBRE FIOS DE ALGODÃO; REMATES DE COBRE DOURADO DE DATA POSTERIOR, 355 X 190 X 174 CM (MONTADO)
©THE KHALILI FAMILY TRUST



PANORÂMICA DE CONSTANTINOPLA, TURQUIA, ISTAMBUL (PERA), 1880-1890. IMPRESSÃO SOBRE PAPEL ALBUMINADO, 31,5 X 218 CM (ABERTO). ATENAS, BENAKI MUSEUM PHOTOGRAPHIC ARCHIVES – CONTEMPORARY GREEK HISTORY © COLEÇÃO DE CONSTANTINOS TRIPOS

Panorâmica de Constantinopla

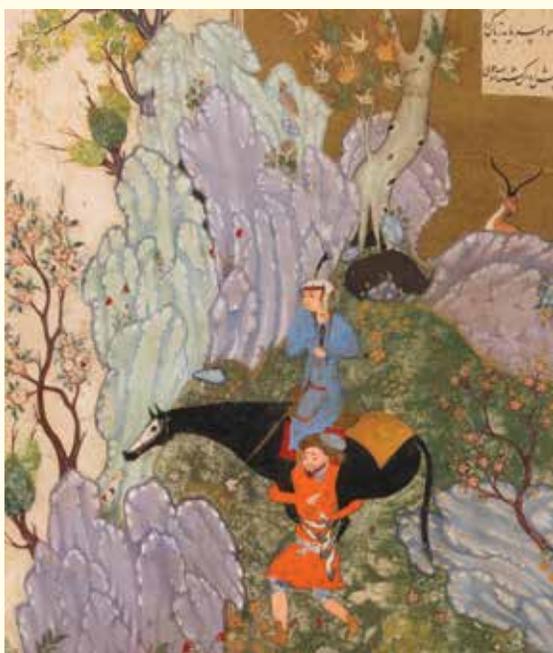
Este álbum fotográfico, pertença dos irmãos armênios Abdullah, é invulgar pela sua vista panorâmica de Istambul: tem dois metros de largura e é composto por nove impressões em papel albuminado. A cena retrata a paisagem urbana e a atividade portuária no Bósforo e no Corno de Ouro na década de 1880, que Calouste Gulbenkian conheceria bem. A população da cidade excedia os 700 mil habitantes, cerca de metade dos quais eram não muçulmanos, sobretudo de origem grega e arménia ortodoxa e judaica.



VASO COM TAMPA, SÍRIA, RACA, PERÍODO AIÚBIDA, FINAL DO SÉCULO XII. CERÂMICA SILICIOSA PINTADA SOB E SOBRE O VIDRADO COM REFLEXO METÁLICO. 26 X 27,7 CM. PROVENIÊNCIA: ADQUIRIDO POR CALOUSTE GULBENKIAN A DIKRAN KELEKIAN, PARIS, 27 DE DEZEMBRO DE 1907. © MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

Vaso com tampa

Em 1906-1907 um grupo de refugiados circassianos estabelecidos em Raca, na Síria, fez o chamado “Grande Achado”: grandes vasilhas com peças intactas de cerâmica pintada com reflexo metálico, que foram associadas ao lendário califa Harun al-Rashid (r. 786-809), um dos protagonistas de *As Mil e Uma Noites*. A descoberta causou um frenesim no mercado de arte internacional e Calouste Gulbenkian foi provavelmente um dos primeiros colecionadores a adquirir alguns desses objetos, incluindo este vaso.



FARHAD A CONDUZIR SHIRIN E O SEU CAVALO, *KHAMSA* [CINCO POEMAS] POR NIZAMI. COPIADO POR MUHAMMED IBN MULLA MIR AL-HOSSEINI. PÉRSIA, SHIRAZ, PERÍODO SAFÁVIDA, C. 1591. TINTA, OURO E PINTURA A GUACHE SOBRE PAPEL. 29,5 X 17,5 CM. PROVENIÊNCIA: ADQUIRIDO POR CALOUSTE GULBENKIAN NA SOTHEBY'S, ATRAVÉS DE GUDÉNIAN, LONDRES, 25 DE OUTUBRO DE 1921. © MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

Farhad a conduzir Shirin e o seu cavalo

Esta pintura da história de amor trágica de Khusraw e Shirin mostra o terceiro herói do poema, Farhad, um homem gigantesco de força sobre-humana, cujo amor altruísta pela princesa arménia Shirin contrasta com o comportamento egoísta do príncipe Khusraw. De modo a destruir o amor de Farhad, Khusraw ordena-lhe que escave um túnel através do monte Behistun. Antes de se lançar à árdua tarefa, Farhad, que é pedreiro, talha retratos de Shirin e Khusraw na superfície do rochedo. Shirin viaja para contemplar os relevos, mas tomba de exaustão e Farhad transporta-a às costas, juntamente com o seu cavalo, de regresso ao castelo. A história termina com Farhad a saltar de um penhasco; Khusraw é assassinado pelo próprio filho e Shirin suicida-se.

O Gosto pela Arte Islâmica 1869-1939

Curadoria: Jessica Hallett

Edifício Sede – Galeria Principal

Até 7 outubro

21 Exposições

Sarah Affonso e a Arte Popular do Minho

A curadora Ana Vasconcelos escolhe quatro peças que ajudam a entender melhor a mostra dedicada à pintora modernista Sarah Affonso.



SARAH AFFONSO, ESTAMPA POPULAR [CASAMENTO NA ALDEIA], 1937.
ÓLEO SOBRE TELA. © MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN
— COLEÇÃO MODERNA

O artesanato figurativo de Barcelos (também chamado figurado de Barcelos) saía de mãos anónimas de oleiros que fabricavam louças de barro e transformavam os excedentes em coloridos brinquedos, geralmente com um apito na base, que se vendiam nas feiras. Antes de serem usados pelo Secretariado da Propaganda Nacional com fins promocionais, já tinham sido representados pelos artistas modernistas Eduardo Viana, Sonia Delaunay e Mário Eloy. Sarah Affonso estaria consciente desta herança ao incorporar alguns bonecos mais representativos na sua pintura de finais da década de 1930.

Esta é talvez a pintura mais conhecida de Sarah Affonso, emblemática da sua obra do final dos anos 1930. Em primeiro plano vemos figuras de um casamento, com os noivos e os convidados, entre os quais o menino vestido "à maruja" e a menina com um vestido de folhos. Este grupo poderia ser inspirado numa ilustração francesa — nele se entrevê a influência de Rousseau.

Além do arco de festa que forma o eixo central, a referência ao Minho acontece no plano intermédio pela representação dos bonecos de cerâmica, que formam uma pequena banda de músicos que marcham, e na parelha de bois (de barro) em frente da casinha branca. Estes conjuntos sublinham, por um lado, a ocasião festiva e, por outro, o enquadramento rural da cena.



MÚSICO DE BARRO, SEM DATA, BARRO PINTADO,
CERÂMICA DE BARCELOS © COLEÇÃO PARTICULAR



SARAH AFFONSO, ALMINHAS, 1935. BORDADO SOBRE PANO DE LINHO COM LÃ.
© COLEÇÃO PARTICULAR

Bordado feito a partir do modelo escultórico de umas «Alminhas» setecentistas existentes na rua da pensão onde Sarah Affonso e Almada Negreiros passaram a lua-de-mel, em Vila Praia de Âncora. Muitas vezes associados a caixas de esmolas, estes quadrinhos piedosos rogam pela libertação das almas penitentes que são pesadas pelo arcanjo São Miguel. Sarah era uma exímia bordadora, “bordava como pintava”, sem desenho prévio, e chegou mesmo a expor bordados juntamente com pintura e desenho em várias ocasiões na década de 1920. Deixou registado que destes bordados de motivos religiosos, que a fascinavam desde criança, passou à fase mais conhecida da sua pintura, realizada entre 1936 e 1939.

A partir de meados do séc. XIX, o ouro popular português passou a integrar a vida das populações do campo, com especial relevância no Minho. Revestia-se de significado religioso e codificava estatutos sociais e económicos. Um aspeto curioso deste tipo de ourivesaria traduziu-se no apreço que as elites rurais possuíam na sua utilização esporádica – sobre trajes regionais – em ocasiões festivas. Sinónimo dessa prática é o coração de fina filigrana, decorado com uma roseta de esmalte e de grandes dimensões, tipologia fundamental da ourivesaria popular, que se crê ter sido usado pela rainha Dona Maria Pia no baile de máscaras do Palácio da Ajuda, em 16 de Fevereiro de 1865, para o qual se teria vestido de varina.

Sarah Affonso e a Arte Popular do Minho

Curadoria: Ana Vasconcelos

Coleção do Fundador – Galeria do piso inferior

Até 7 outubro



PENDENTE, 2.ª METADE DO SÉCULO XIX. OURO E ESMALTE.
OURIVES M., ATRIBUÍVEL A JOÃO MARQUES DA SILVA.
© PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA

Convidados de verão Joalheria Contemporânea em Portugal

Dezenas de joias produzidas entre 1958 e 2018, muitas delas inéditas, estão em exposição no Museu Calouste Gulbenkian até dia 16 de setembro.

Nesta mostra podem ver-se obras de artistas como Jorge Vieira, José Aurélio, Maria José Oliveira, Vítor Pomar ou Pedro Calapez, todos representados na Coleção Moderna, e também de artistas que marcaram a história da joalheria em Portugal desde a década de 1960, como Kukas, Alberto Gordillo, Tereza Seabra e Alexandra de Serpa Pimentel. Esta iniciativa estende-se à sala Lalique da Coleção do Fundador, onde os diálogos estabelecidos prometem surpreender os visitantes.

Este é o terceiro momento de Convidados de Verão, uma iniciativa que propõe novas leituras das exposições permanentes do Museu Gulbenkian e que no ano passado teve como curador o cineasta Joaquim Sapinho, que apresentou um percurso na Coleção Moderna com obras e objetos pessoais de Calouste Gulbenkian.

Numa curta entrevista, a artista e investigadora **Cristina Filipe**, curadora desta edição, explica o conceito que esteve na origem do seu projeto.

Quais as linhas gerais da sua proposta?

Durante a última década realizei uma investigação sobre a joalheria contemporânea em Portugal (1963-2004) na Universidade Católica Portuguesa e, há dois anos, entre 98 candidatos de 24 países, foi-me atribuído o Susan Beech Mid-Career Artist Grant, do Art Jewelry Forum (USA), com o projeto para a realização de um livro que refletisse essa investigação. Partindo desse contexto e no âmbito desta investigação, a Fundação Calouste Gulbenkian convidou-me para fazer a curadoria da 3.^a edição da iniciativa Convidados de Verão, procurando relações entre joias contemporâneas e as obras da Coleção Moderna e de René Lalique.

A proposta traduz o modo como a joalheria contemporânea acompanhou as transformações das artes plásticas, demarcando-se do campo das artes decorativas e aplicadas, no qual esteve integrada ao longo da história da arte. Os artistas contemporâneos vieram sublinhar o arrojo de Lalique, que foi um dos primeiros artistas a apresentar propostas inovadoras para a joalheria na sua época, ditando novas normas e protocolos não convencionados pela joalheria tradicional.

Convidados de Verão
**Joalheria Contemporânea
em Portugal**

Curadoria: Cristina Filipe

Coleção Moderna e Coleção do Fundador

Até 16 setembro



© MÁRCIA LESSA

Que artistas estão representados?

Artistas de quatro gerações, nascidos entre 1925 e 1978, com vários tipos de formação e com obra desenvolvida em múltiplas disciplinas, que fazem joalheria contemporânea e em cuja obra encontrei, sob diversos pontos de vista, uma relação com artistas e obras da Coleção Moderna e com René Lalique.

Que relações encontrou?

Relações cronológicas, simbólicas, formais e conceituais. Desde o artista escultor, pintor ou outro que também inclui joias na sua obra, alguns de um modo mais intimista, outros de modo mais declarado, como por exemplo Maria José Oliveira (a sua primeira exposição individual intitulava-se *Ourivesaria Têxtil*), até artistas cuja joalheria nunca foi mostrada, como Jorge Vieira, de quem se expõe a primeira joia, um pendente em ardósia criado na década de 1950.

Foram igualmente estabelecidas relações temáticas e geracionais, como entre Kukas e Escada, que viveram em Paris, nos finais da década de 1950 e início da década de 1960, onde se tornaram grande amigos e, por isso, é explícita a afinidade formal entre algumas das suas obras desse período. O mesmo acontece com Margarida Schimmelpennig e Hein Semke, que viviam juntos na década de 1950. Gordillo e Paula Rego, por sua vez, retratam a postura irreverente e política contestatária, tendo a obra de ambos, numa fase inicial, sido rejeitada pelos seus pares. Também o cravo, pendente de José Aurélio, e a colagem *Ruas de Lisboa*, de Ana Hatherly, representam a Revolução através de símbolos gráficos.

Há também diálogos do foro afetivo, como entre Mário Freitas Ribeiro, fundador do Bristol Club em Lisboa e mecenas dos modernistas, e a sua filha Alexandra Ribeiro, que fazia joalheria e cujas obras desapareceram após a sua morte, em 2013.

A intervenção estende-se à Sala Lalique da Coleção do Fundador. O que vamos descobrir nessa sala?

Foram escolhidas duas artistas cujos trabalhos evocam a obra de René Lalique: Alexandra de Serpa Pimentel e Catarina Silva. A primeira estudou joalheria na década de 1970 na Central School of Art and Design em Londres, onde realizou as três peças que se relacionam com a obra de Lalique, não só pela temática como pela forma e a escolha dos materiais. Os colares Cobra e Libélula e a pulseira Cobra, em prata e esmalte, são de um rigor e uma minúcia singulares. A obra de Catarina Silva aproxima-se da de Lalique pela cor e pela referência à natureza, tanto a nível da botânica, como da zoologia, embora utilize normalmente metais não preciosos e tintas acrílicas em vez de esmaltes. Nos três pendentes em exposição, utiliza prata branqueada, sem brilho, e reflete formalmente, quase como desenhos radiográficos, as obras de Lalique.

Ambientes

Fotografias de Márcia Lessa

Os últimos fins-de-semana de julho trouxeram à Fundação Gulbenkian programas para todas as idades – houve D. Robertos, clowns, leituras encenadas, o fado de Miguel Xavier e de Camané, o ritmo crioulo de Lura e Sara Tavares, jazz, o groove de vários DJ e sons da Arménia e da antiga Pérsia. Assim se passou mais um Jardim de Verão.





(DE CIMA PARA BAIXO, ESQ. PARA A DIR.)

- MIGUEL XAVIER
- ASPETO GERAL DO JARDIM
- LURA E SARA TAVARES
- CAMANÉ COM A ORQUESTRA GULBENKIAN
- SAHAR MOHAMMADI E HAÏG SARIKOUYUMDJIAN
- OS CLOWNS, DO CHAPITÔ
- CORO GULBENKIAN A CANTAR COLE PORTER
- THE NACHASH ENSEMBLE



GULBENKIAN.PT

Av. de Berna, 45A, 1067-001 Lisboa